

O LUGAR DA CRIAÇÃO: POTÊNCIA, INSUBMISSÃO E RESISTÊNCIA NA ARTE DE G. COMINI

The place of creation: power, insubmission and resistance in the art of G. Comini

Fernanda Nogueira Campos-Rizzi¹

Artigo encaminhado: 10/09/2019
Aceito para publicação: 25/10/2019

RESUMO: O trabalho “A vida é uma colagem” do artista plástico colagista G. Comini constitui um processo de criação que resgata a condição expressiva e de concentração do artista, que passou por uma grave depressão. A potência de suas imagens e do texto que as acompanha permite uma reflexão acerca do lugar da arte como criação singular, potente, insubmissa e de resistência, em meio às pressões atuais que forçam uma padronização de modos de vida. A colagem de Comini rememora o lugar da arte na saúde mental e como a mesma transcende a racionalidade científica, que reduz o humano em sofrimento a nomenclaturas diagnósticas. O processo saúde-doença é entendido assim como uma experiência singular e a recuperação como um reestabelecimento da normatividade própria do sujeito. A arte neste processo é inerente à própria condição humana de co-criar o mundo na descoberta e encontro com o mesmo, sendo este humano capaz de expressar uma existência real, que se realiza na experiência. G. Comini, assim como outros estudiosos da arte, compreende que qualquer pessoa pode fazer arte. A colagem, devido a sua simplicidade, pode ser um recurso de fácil manuseio com grande potencialidade expressiva. Comini, à medida em que foi desenvolvendo sua própria colagem, integrou sua vida e o caos respectivo em vários tempos, como ele mesmo diz “presente, passado e futuro”.

Palavras-chave: Arte. Criatividade. Saúde mental. Depressão. Colagem.

ABSTRACT: “A vida é uma colagem” (Life is a collage) by collagist artist G. Comini completes a creation process that rescues the artist’s expressive condition and concentration partly lost when he was suffering from severe depression. The power of his images and the accompanying text calls for a reflection on the place of art as a singular, potent, unsubmitive, and enduring creation, amid the current pressures that forces the standardization of life styles. We recall the place of art in mental health and how it transcends scientific rationality which reduce the suffering human being to diagnostic nomenclatures. The health-disease process must be understood as a singular experience and healing as a reestablishment of the subject's own normalcy. Art in this process is inherent to the human condition of co-creating the world, discovering and encountering it. This human being is capable of expressing a real existence, that is, it is realized in experience. G. Comini, like other art scholars, understands that anyone can make art. Collage, because of its simplicity, can be an easy-to-use resource with great expressive potential. Developing his own collage, he integrated his life and its chaos at various times, as he says “present, past and future”.

Keywords: Art. Creativity. Mental health. Depression. Collage.

¹ Doutora em Saúde Mental pelo Programa de Enfermagem Psiquiátrica e Ciências Humanas na Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da USP. Mestre em Psicologia Aplicada no eixo de Intersubjetividade e Cultura /UFU. Psicóloga. E-mail: fnocam@gmail.com

Busca-se aqui desenvolver um breve comentário sobre uma obra do artista colagista G. Comini, que compartilha seu relato de uma experiência pessoal com sua arte e sua relação com um processo saúde-doença conhecido como depressão. Em sua vivência, o adoecimento foi compreendido como um limitador de sua capacidade de trabalho, no entanto o artista encontra na materialidade mediadora do recorte e colagem sua possibilidade de uma nova relação com o mundo.

O termo materialidade mediadora, empregado neste contexto, se refere ao objeto que é apresentado ao sujeito no lugar e momento certo, como se o próprio sujeito o houvesse criado (AIELLO-VAISBERG; AMBRÓSIO,2009). Na atividade psicoterapêutica esta materialidade compõe o *setting* terapêutico e permanece à disposição do outro componente para que ele construa a partir do objeto. E algo estava ali para ser recortado, colado, recontado, era a vida de Comini.

Em meio a uma frenética padronização dos modos de vida surgem, de forma inusitada, potências que permitem a fluidez da singularidade. Não há como refrear movimentos instituintes que insistem em discutir as formas dominantes que constroem a todos. A arte tem, ao longo dos tempos, despertado os olhares admirados e curiosos de estudiosos e espectadores que por elas são afetados. No campo da saúde mental a arte ganhou um espaço privilegiado, que lhe é merecido, de gerar saúde e culturas antimanicomiais por meio da criação de existências que se contam e se reencontram na expressividade artística.

Enquanto a ciência busca por meio da razão afastar a ilusão, a loucura e a irracionalidade, a arte brinca com elas e “Nesse brincar muitas vezes revela verdades e obtém transcendências insuspeitadas” (ROSSI, 2009, 25).

Arte e brincar se encontram em um espaço potencial, entre o sujeito e o mundo, é assim que este sujeito se reconhece como parte do ambiente que o rodeia, como construtor e construído no mesmo, logo, pode-se dizer que a vida é de fato uma colagem. Comini em seu trabalho opera neste trajeto, de contar fragmentos da vida sem reduzi-los à interpretação dos mesmos ou do todo final da obra. Afeta ao observador, leva-o a dar atenção àquilo que é caro ao artista: o detalhe.

O detalhe de G. Comini torna-se sua marca, seu traço singular buscado após um período de sentimento de ausência de potência de ser. E como a linguagem está no estilo, mesmo submetida às regras e exigências da forma, ela deixa brecha para que expressões de sobrevivência e existência da pessoa desenhem ao seu redor evitando assim, as segregações a que os que sofrem psicologicamente estão sujeitos.

Ao longo da história, alguns artistas de grande destaque tiveram a experiência de passar por uma internação nos hospitais psiquiátricos e através da arte conseguiram superar o isolamento, a violência e a segregação a que eram submetidos. É o caso do pintor Van Gogh e do teatrólogo Antonin Artaud, que encantaram o mundo com suas expressões da loucura. (AMARANTE et al, 2019: 25).

A saúde que se reencontra no fazer de G. Comini assoma os dizeres de Winnicott sobre a experiência criativa como a única forma de uma pessoa existir de fato e viver a própria vida (WINNICOTT, 1989). Ao contrário da colagem, encontramos a desintegração, o caos de imagens, de experiências e sensações que parecem dissociados meio ao caos e abre-se um convite para criar com ele. Comini reconstrói o caos à sua maneira, propõe sua ordem. Essa liberdade de escolher cada pequena figura que é inserida no contexto de sua obra transforma o detalhe em uma amarração que sustenta uma realidade própria.

A arte vem sendo censurada, tornou-se alvo de julgamentos e perseguições, sua nudez, sua insubordinação e sua renitência são associadas a alvos políticos, porque a arte não se conforma, ela cria formas. Mesmo assim, grande parte da mesma resiste, quando não é sequestrada por uma lógica dominante e mercadológica. Neste caso, torna-se a repetição de um discurso que arrasta o admirador desatento para a alienação de si.

Na obra de Comini os corpos, as borboletas, as roupas, a natureza estão livres de seu lugar obrigatório imposto, ganham vida nova, assim como o artista e o espectador. Sua narrativa experiencial restaura a jornada da arte junto a saúde mental, como sobrevivência subjetiva necessária e que apenas se torna possível por meio da descoberta do sujeito de sua capacidade de ser e fazer no mundo. A vida torna-se mais suportável quando uma ação, descoberta/encontro do sujeito com a materialidade em que cria, gera efeitos e afetos.

Muitas foram as experiências de espaços de arte que circunscreveram um novo lugar social para o sujeito chamado louco, como o trabalho de Nise da Silveira no antigo Centro Psiquiátrico Pedro II que possibilitou a criação do Museu do Inconsciente, o grupo de teatro UEINZZ, os grupos musicais Cancioneiros do IPUB e Harmonia Enlouquece, entre tantas outras experiências espalhadas pelos país de criação de uma arte criada por pessoas que outrora eram reconhecidas apenas a partir de seus diagnósticos psiquiátricos.

Uma revisão de literatura realizada por Correia e Torrente (2016) analisou 28 artigos produzidos entre 2000 e 2013 que indicavam benefícios terapêuticos das atividades artísticas para pessoas portadoras de transtornos mentais. De um ponto de vista prevalentemente biomédico os autores verificam uma função terapêutica curativa da arte e ressaltam o aumento da autoconfiança dos sujeitos.

Em uma perspectiva mais coletiva, Torre e Amarante (2017) criticam a visão puramente terapêutica da arte, compreendendo que a mesma ultrapassa um projeto de reabilitação para conceber a cultura da diferença, da extranormalidade, uma cultura dos excluídos, por meio do que Boal (2016) chamou de estética do oprimido.

A racionalidade estética é uma linguagem que transcende a racionalidade científica que, de forma dicotômica, posicionou historicamente a arte e os saberes populares como inferiores ou, de outra forma, criou critérios rígidos para que pudessem sobreviver à racionalidade dominante.

Vale ainda lembrar do psiquiatra alemão Hans Prinzhorn que publicou em 1922 seu livro sobre a arte realizada nos hospitais psiquiátricos pelos internos; em sua análise, um impulso criador seria inerente à condição humana e o mesmo ficaria adormecido pelas exigências civilizatórias. Tal análise acaba por revelar a saúde do louco, a indispensabilidade da arte e seu caráter de subverter até mesmo as instituições asilares e as duras amarras psiquiátricas. “Não é a doença em si (esquizofrenia, por exemplo) que faria alguém um artista, porém as criações não são barradas de se efetuarem mesmo que a pessoa seja portadora de algum transtorno psíquico.” (THOMAZONI, FONSECA, 2011: 607).

Contemporaneamente, no Brasil, Osório César, no Hospital Psiquiátrico do Juquery, a partir da década de 1920, atentou-se para produções gráficas produzidas pelos internos.

Segundo o médico, havia nessas produções evidentes qualidades estéticas, não somente expressões psicopatológicas da loucura, mas imagens que possuíam um inquietante parentesco com aquilo que os artistas modernos estavam produzindo” (DOMINGUES, PARAVIDINI, 2019: 70).

O lugar da arte de G. Comini encontra-se em outro espaço de reconhecimento do que as artes dos chamados loucos. Embora tenha associado sua arte a uma redescoberta de si e ao seu renascimento, Comini encontrou-se distante dos manicômios e perto dos admiradores de seu trabalho como *designer* gráfico. Ele abandona este seu trabalho anterior, no qual tinha bastante prestígio, sendo sempre lembrado por desenhar a *logo* de grandes marcas de moda.

A história de G. Comini não começa exatamente da segregação para a reinserção, da morte psíquica para o renascimento, ela inicia em um espaço contemporâneo de sofrimento no trabalho.

G. Comini tem como um importante cenário de produção a área de spa do Hotel Renaissance, em São Paulo. Ali esteve disposto a mergulhar na sua criatividade, durante um período difícil, após abandonar as velhas formas de existir e trabalhar que lhe custavam a sanidade psíquica. De acordo com o jornalista Chico Fenitti (2013) o artista deixou seu escritório de *designer* em 1990, apenas em 1997 inicia suas experimentações com colagem e em 2013 apresenta, pela primeira vez, os resultados deste período criativo.

O fato de G. Comini ter reconhecimento anterior como *designer* certamente facilitou a exposição pública de suas obras e que elas ganhassem interesse público. Isso não torna sua dor menor ou sua arte menos potente, ao contrário, é por ter um espaço conquistado que o artista pôde compartilhar o bem que a colagem fez a si (ZERBINI, 2013; DILU, 2014).

Na perspectiva de Winnicott (1989) a criatividade é indispensável para a saúde do sujeito. O pediatra e psicanalista inglês refere-se especialmente a ilusão do bebê de criar o mundo, e de imaginar, ou seja, de criar um mundo que possa ter algum tipo de materialização na realidade. Tal materialização faz-se real quando é criado/encontrado objeto que se faça importante à sua busca, que se conecte ao criador como parte de seu desejo.

O espaço entre o sujeito e o mundo é espaço potencial, ou seja, espaço em que algo possa surgir do “entre”, algo tão visível na colagem de G. -

a condensação do mundo individual do colagista com os objetos ao seu redor. Ele assim verbaliza que integra partes de tantos anônimos criadores das imagens que escolhe na colagem e, enquanto isso, algo em si também é restaurado.

A arte de G. Comini, de onde surge e para onde se dirige, ganha para nós, estudiosos da saúde mental, um brilho a mais. Humildemente o artista conta a todos sobre o seu processo e como o mesmo o tornou capaz de transformar o sofrimento em cores. Como cirurgicamente G. pôde colar cada figura do presente em seu espaço até gerar uma vida nova e, como ele mesmo afirma, evitar que a mesma continue o ciclo do descarte.

A arte existe desde os princípios da humanidade e permite a sobrevivência de culturas, traduz mundos, é intrínseca ao fazer humano. Comini sugere que qualquer pessoa sem formação artística é capaz de fazer colagem e por meio dela se expressar.

A vontade, a necessidade de arte pode se manifestar em qualquer homem. Normalidade e anormalidade psíquica são termos convencionais para a ciência. No campo da arte, eles deixam de ter qualquer prevalência significativa.” (THOMAZONI, FONSECA, 2011: 616)

Estas breves reflexões estão aquém de uma análise do percurso de G. Comini, ele mesmo o desvela, associa sua capacidade de concentração, aspecto que se diria puramente cognitivo, com a habilidade de expressão que é retomada, e a isso nomeia cura. G. faz uma autocirurgia, utilizando bisturi e pinças cirúrgicas para integrar os pedaços de sua alma, mas esclarece que a opção do instrumental ocorre devido as miudezas de sua escolha, de sua opção pelo detalhe mínimo.

Ao encontrar sua própria normatividade o artista inaugura sua noção de saúde, sem prescrever a mesma a outrem, apreende que cada um recorta e cola a vida a seu modo. Agora o leitor poderá criar suas próprias relações no espaço potencial que esta seção lhe propicia. O trabalho segue, com G. Comini e sua arte, por ele mesmo.

REFERÊNCIAS

- AIELLO-VAISBERG, Tania Maria José, AMBRÓSIO, Fabiana Follador. O Estilo Clínico 'Ser e Fazer' como Experiência Brincante. In FERREIRA, Afrânio de Matos. *A presença de Winnicott no Viver Criativo: diversidade e interlocução*. São Paulo: ZY, 2009.
- AMARANTE, Paulo; TORRE, Eduardo Henrique Guimarães. Loucura e diversidade cultural: inovação e ruptura nas experiências de arte e cultura da Reforma Psiquiátrica do campo da Saúde Mental no Brasil. *Interface*, Botucatu, v. 21, n. 63, p. 763-774, dez. 2017.
- AMARANTE, Paulo Duarte. Da arteterapia nos serviços aos projetos culturais na cidade: a expansão dos projetos artísticos-culturais da saúde mental no território. In: CAMPOS, Fernanda, AMARANTE, Paulo Duarte. *Saúde Mental e Arte: Práticas Saberes e Debates*. Zagodoni ed, São Paulo, 2019, p. 22-38.
- BOAL, Augusto. *A Estética do Oprimido*. Editora Garamond: Rio de Janeiro, 2009.
- CORREIA, Pedro Rocha; TORRENTE, Mônica de Oliveira Nunes de. Efeitos terapêuticos da produção artística para a reabilitação psicossocial de pessoas com transtornos mentais: uma revisão sistemática da literatura. *Cad. saúde colet.*, Rio de Janeiro, v. 24, n. 4, p. 487-495, Dec. 2016.
- DILU. G. Comini e seu espetáculo. In *Dilucius*. Jun. 2014. Disponível em: <http://dilucius.com.br/?p=11544>. Acesso em 13 de out. 2019.
- DOMINGUES, Margarete Ap., PARAVIDINI, João Luís. Psicanálise e Arte: repetir, criar e subjetivar. CAMPOS, Fernanda, AMARANTE, Paulo Duarte. *Saúde Mental e Arte: Práticas Saberes e Debates*. Zagodoni ed, São Paulo, 2019, p. 22-38.
- FENITTI, Chico. Designer passa 16 anos em spa de hotel cinco estrelas fazendo colagens. *Folha de São Paulo*. 27 de out. 2013. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/saopaulo/2013/10/1362069-designer-passa-16-anos-em-spa-de-hotel-cinco-estrelas-fazendo-colagens.shtml>, 12 de out. 2019.
- THOMAZONI, Andresa Ribeiro; FONSECA, Tania Mara Galli. Encontros possíveis entre arte, loucura e criação. *Mental*, Barbacena, v. 9, n. 17, p. 605-620, dez. 2011.

WINNICOTT, Donald Woods. O conceito de indivíduo saudável. In *Tudo começa em casa*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

ZERBINI, Eugenia. As feéricas colagens de G. Comini. In *Disgestivo Cultural*. Dez. 2013. Disponível em :
https://www.digestivocultural.com/colunistas/coluna.asp?codigo=3885&titulo=As_feericas_colagens_de_G.Comini. Acesso em 12 de out. 2019.